



## MULHER E POESIA: CORPOS EROTIZADOS EM OLGA SAVARY, YÊDA SCHMALTZ E PAULA TAVARES

### WOMAN AND POETRY: THE EROTICIZED BODIES BY OLGA SAVARY, YÊDA SCHMALTZ AND PAULA TAVARES

GANDRA, Jane Adriane  
DAVID, Nismária Alves

**Resumo:** Mediante um viés comparatista, este trabalho estabelece aproximações entre três poetisas de língua portuguesa – as brasileiras Olga Savary e Yêda Schmaltz, bem como a angolana Paula Tavares – apontando as convergências de suas poéticas no que se refere às imagens de mulher e de fazer poético como corpos erotizados. Como aporte teórico-crítico, considera-se o conceito de erotismo e as relações de gênero, sobretudo, a partir das ideias de Octavio Paz (1994) que concebe a poesia como erótica verbal e o erotismo como poética corporal, Angélica Soares (1999) que destaca a tensão entre consciência literária do erotismo e consciência erótica do literário, bem como Elódia Xavier (1999) que discute a categoria de corpo erotizado. Embora tenham produzido suas líricas em contextos diversos, coincidentemente, desafiam os tabus ao trazerem sujeitos femininos que tomam posição como escritoras e defendem o direito ao prazer.

**Palavras-chave:** Mulher. Poesia. Corpo. Erotismo.

**Abstract:** This paper compares three poets – the Brazilians Olga Savary and Yêda Schmaltz, and the Angolan Paula Tavares – and it demonstrates the convergences of their literature about the woman and poetry as eroticized bodies. The theoretical and critical base considers the concept of eroticism and gender relations, especially the ideas by Octavio Paz (1994) that conceives poetry as verbal erotic and erotic body as poetic, Angélica Soares (1999) that studies the tension between literary consciousness of eroticism and erotic consciousness of literature, and Elódia Xavier (1999) that discusses the eroticized body. Although the poets have produced literature in different contexts, they challenge taboos and they expose female subjects as writers and they defend the pleasure.

**Keywords:** Woman. Poetry. Body. Eroticism.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho focaliza as obras de Olga Savary, Yêda Schmaltz e Paula Tavares, a fim de discutir o entrelaçamento que realizam entre o corpo feminino e a escrita poética. De modo recorrente, expõem a voz que se apresenta como poeta e exploram o erotismo, tornando a matéria erótica em matéria de poesia e vice-versa. Suas obras configuram-se como exemplos de literatura em que há a representação do corpo na poesia e, desse modo, desconstroem paradigmas patriarcais, explicitando o universo feminino na criação de poemas eróticos.



Olga Savary (Olga Maria Augusta Savary) nasceu em Belém (Pará/Brasil) a 21 de maio de 1933, viveu em Fortaleza, porém passou a maior parte de sua vida na cidade de Rio de Janeiro, onde vive desde 1946. Seus livros de poemas são: *Espelho Provisório* (1947-1970), *Sumidouro* (1971-1977), *Altaonda* (1971-1977), *Magma* (1977-1982), *Hai-Kais* (1977-1986), *Linha d'água* (1980-1987), *Retratos* (1987-1989), *Rudá* (1990-1994), *Éden Hades* (1990-1994), *Morte de Moema* (1995-1996), *Anima Animalis* (1996), *Repertório Selvagem* (1997-1998), os quais foram reunidos e publicados em *Repertório Selvagem* (Obra Reunida) em 1998, e *Berço Esplêndido* (2001). Autodidata, Olga Savary é ainda contista e tradutora, tendo se dedicado à tradução de escritores hispano-americanos como, por exemplo, Julio Cortázar, Pablo Neruda, Octavio Paz e Mario Vargas Llosa.

Yêda Schmaltz (Yêda Oscarlina Schmaltz, 1941-2003), embora tenha nascido em Tigipió (Pernambuco/Brasil), radicou-se no estado de Goiás desde a infância. Graduada em Letras e em Direito, foi artista plástica e professora universitária. Dedicou-se à elaboração de ensaios e à organização de antologias poéticas. Integrou o Grupo de Escritores Novos (GEN), no período de 1963-1969, o qual pretendia dar um rumo inovador à literatura goiana. (COELHO, 1993 apud SCHMALTZ, 2000). Ao todo, suas publicações são: *Caminhos de mim* (1964), *Tempo de semear* (1969), *Secreta ária* (1973), *O peixenauta* (1975), *A alquimia dos nós* (1979), *Miserere* (1980), *Anima mea* (1984), *Baco e Anas brasileiras* (1985), *Atalanta* (1987), *A ti Áthis* (1988), *A forma do coração* (1990), *Prometeu americano* (1996), *Ecos* (1996), *Rayon* (1997), *Vrum* (1999), *Chuva de Ouro* (2000), *Urucum e Alfenins* (2002) e *Noiva d'água* (2006, obra póstuma). Conforme Coelho (1993), trata-se de uma obra de alto nível de realização, mas, no entanto, ainda pouco conhecida do grande público.

Paula Tavares (Ana Paula Tavares) nasceu em Lubango (Huília/Angola) a 30 de outubro de 1952. Tornou-se poeta, prosadora e historiadora, sendo seus livros literários: os poemas de *Ritos de Passagem* (1985), *O lago da lua* (1999), *Dizes-me coisas amargas como os frutos* (2001), *Ex-votos* (2003), *Manual para amantes desesperados* (2007) e *Como velas finas na terra* (2010), todos compilados em *Amargos como frutos: poesia reunida* (2011), e ainda as crônicas *O sangue da Buganvília* (1998) e *A cabeça de Salomé* (2004), bem como o romance *Os olhos do homem que chorava no rio* (2005), escrito em co-autoria com Manuel Jorge Marmelo (2005). Graduada em História em Luanda e em Lisboa, obteve os títulos de Mestre em Literatura Africana pela Universidade de Lisboa e de Doutora em História e Antropologia pela Universidade Nova de Lisboa e, sobretudo, tem-se dedicado a inúmeras atividades culturais.

As literaturas de Olga Savary, Yêda Schmaltz e Paula Tavares são marcadamente femininas. Esboçam a imagem da mulher constituída por olhar e traço femininos, permitem pensar sobre aspectos subjetivos e cotidianos que abordam a questão da identidade daquelas que escrevem e, assim, constituem-se como poéticas transgressoras.

Na lírica brasileira, Savary, depois de Gilka Machado que escreveu alguns poemas eróticos em *Meu glorioso pecado* (1928), é apontada como a primeira mulher a publicar um livro totalmente composto de poesias eróticas, *Magma* (1982), e foi a organizadora da primeira antologia brasileira de poemas eróticos, intitulada *Carne viva* (1984). A esse respeito, em entrevista a Arcanjo, a escritora expõe:

Assim, considero um elogio reconhecer meu pioneirismo em escrever poesia erótica, a atitude audaciosa de publicar *Magma* e *Carne viva*. Até porque erotismo é fundamental, erotismo é o divino no humano, erotismo é vida. Só acrescentaria que falar sobre este tema é fazer o discurso da falta. Se a gente vivesse o erotismo completamente, não carecia escrever um só verso ou texto erótico. (SAVARY, 2008, p.1).

Nessa linha do pioneirismo da escrita de poesia erótica, especificamente, em terras goianas, tem-se a poesia de Yêda Schmaltz, centrada no corpo, a qual, segundo Vieira Jr. (2009), apresenta-se herdeira de uma tradição lírico-amorosa e aquela que realiza a atualização do mito de Eros no conjunto de sua poética, aspectos que resultam na criação de versos marcados pela veia erótica.

Também, em Angola, Paula Tavares serve-se da poesia erótica para anunciar o tema da feminilidade e, a partir disso expõe, conforme Soares (2001, p. 250), “o problema de uma literatura feminina”. Ainda, para Secco (2011, p. 263), a referida poeta funda uma poética inovadora que reflete acerca da sexualidade reprimida das mulheres e constitui “uma *poiesis* que opera com o exercício metalinguístico do escrever-reescrever poético”.

Diante disso, por um viés comparativo, pode-se destacar as relações entre a voz lírica e a dicção erótica nas três poetisas em foco (Savary, Schmaltz e Tavares) que, embora em contextos diversos, concedem atenção ao feminino e o incorporam às suas poéticas de modo semelhante. Por considerar o erotismo e as relações de gênero, optou-se por tratar aqui da presença e da recorrência de imagens em que há a poetização do corpo relacionada à reflexão metapoética, evidenciando a característica, já apontada por Soares (1999) na lírica contemporânea, que é a tensão entre a consciência literária do erotismo e a consciência erótica do literário.

A análise da produção literária feita por mulheres possibilita o rompimento de preconceitos sociais ao destacar a presença feminina num meio dominado por homens (PAIXÃO, 1990, p.55). Em conformidade, Telles (1992) destaca que a literatura é uma instituição social e não corresponde a uma categoria derivada da Biologia, porém aponta a intervenção dos estudos sobre a literatura de autoria feminina como fundamental para novos modos de leitura, ampliação e reordenação dos cânones.

Para pensar o tema da corporalidade, recorre-se à categoria corpo erotizado que se inclui na tipologia da representação do corpo na literatura feita por mulheres, proposta por Elódia Xavier, em *Que corpo é esse?* – a partir do sociólogo Arthur Frank. Embora a referida estudiosa tenha se dedicado à abordagem de narrativas, considera-se pertinente a escolha desta categoria para a compreensão das escritas poéticas aqui focalizadas.

A respeito do corpo erotizado, Xavier (2007) esclarece que, sobretudo, a partir dos anos 70, as feministas veem-se senhoras de seus corpos, dos quais obtêm o prazer. Especialmente, na literatura, manifestam-se mulheres que desafiam os tabus, escrevem sobre os prazeres carnis e rompem “o silêncio sobre o próprio corpo” (XAVIER, 2007, p. 155). Nessa perspectiva, as mulheres conscientizam-se, questionam sua própria condição, conquistam espaços e marcam presença no meio literário.

Deve-se salientar que as poesias de Olga Savary, Yêda Schmaltz e Paula Tavares são, obviamente, escritas por mulheres, que apresentam uma voz lírica que trata sobre o tema mulher. Corresponderiam, por isso, a escritas femininas? A expressão “escrita feminina” é criticada por supostamente reforçar as distinções binárias entre discurso masculino e discurso feminino das quais se tenta fugir, no entanto, admite-se a necessidade de compreender como o sujeito feminino toma posição nas obras em questão.

A rigor, ao se pensar sobre a identidade da mulher escritora, é inevitável lembrar-se das dificuldades históricas enfrentadas pelas mulheres escritoras que, muitas vezes, como já disse Duarte (1997, p. 87), precisaram até mesmo adotar pseudônimos masculinos para “driblar a crítica e, ao mesmo tempo, se protegerem da opinião pública”. Isso se deve ao fato de o gênero se constituir pelas relações sociais em que se evidenciam as diferenças entre os sexos, bem como envolve as relações entre homem e mulher, marcadas por relações de poder e que se instauram por meio da linguagem como uma violência simbólica. (DUARTE, 1997).

Mediante o movimento feminista, as mulheres cada vez mais se conscientizam e se questionam sobre sua condição e, inclusive, conquistam lugar no âmbito literário, dominado por homens. (SILVA, 2009, p.22). No que se refere à ideia de feminismo, este “poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra

a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo.” (DUARTE, 2003, p. 1).

Em especial, Soihet (1997) destaca a importância do movimento feminista e esclarece que os historiadores sociais viam as mulheres de modo homogêneo, como “pessoas biologicamente femininas que se moviam em papéis e contextos diferentes, mas cuja essência, enquanto mulher, não se alterava”, isto é, apresentavam uma identidade coletiva que favoreceu o movimento feminista nos anos de 1970. Disso resultou a oposição entre homem e mulher, mas, no entanto, surgiram questionamentos acerca da viabilidade da categoria mulheres, introduzindo a diferença como um aspecto a ser discutido. “Assim, de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a outra em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades”. (SOIHET, 1997, p. 96).

Conforme Clarke (2008), Olga Savary define a si própria como feminista no sentido de que sua literatura se volta para a liberação das mulheres, principalmente, para a liberdade de expressão. Da mesma forma que a lírica savariana, apesar de não se explicitarem como feministas, as poesias de Schmaltz e de Tavares poetizam o direito ao prazer e à sexualidade da mulher. Constata-se a marca do gênero feminino, pois, na literatura das três poetisas, há a imagem da mulher criadora. Todas tocam a questão do corpo e do desejo, mediante a expressão de um olhar erótico sobre o corpo e a poesia. Por essa razão, torna-se fundamental a abordagem realizada por Paz (1994) que relaciona a criação poética ao erotismo, no sentido de que a poesia é uma erótica verbal e o erotismo é, por sua vez, uma poética corporal.

Savary poetiza:

### **Entre Erótica e Mística**

Antes que me esqueça,  
Poesia, as palavras não só combato:  
durmo com elas.

(SAVARY, 1998, p. 215).

O ritual do fazer literário é colocado na fronteira entre o erotismo e o misticismo. O sentido etimológico de erotismo remete a *erot-*, do grego *érós*, amor, que se associa à figura mitológica Eros que, em *Banquete*, de Platão (2003), é apresentado como o intermediário entre os deuses e os humanos, sendo uma força constantemente insatisfeita e inquieta.

O ato erótico é inerente ao ser humano, visto que, para Bataille (1987, p. 15), deflagra os movimentos da paixão que movem o ser, já que “somos seres descontínuos,



indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida” ao longo da vida. Nessa perspectiva, a experiência erótica é entendida como uma experiência interior. A mística, por sua vez, vem do grego *mystikós* e se refere aos mistérios e às cerimônias religiosas secretas que conduzem à comunhão com o divino, ao êxtase (estar fora de si).

Da mesma forma, produzir a poesia pode ser comparado a uma cerimônia religiosa secreta que possibilita alcançar o estado de êxtase e de continuidade do ser. Além da imagem do combate, prevalece a imagem do dormir com as palavras, isto é, a unidade entre sujeito lírico e as palavras, sugerindo uma conotação erótica e mística concomitantemente. Manifestam-se a liberdade no fazer poético, a consciência crítica do fazer literário e, sobretudo, a palavra erotizada como o corpo. Como se disse anteriormente, Paz (1994, p. 7) relaciona o erotismo à criação poética e entende a poesia como erótica verbal, bem como esclarece que o erotismo se origina da sexualidade e, unido ao amor, compõe a “dupla chama da vida”.

Acrescenta-se o seguinte poema de Schmaltz:

### 5 (Escrita)

O músculo teso e retesado.  
Ah, garapa de cana, quero água!  
Ardência dilatada,  
agonia no casulo,  
uma estrela por dentro  
destroçada.  
E tudo desabrocha  
do meu pulso.

(SCHMALTZ, 2000, p. 25).

Ao mesmo tempo, o sujeito lírico parece relatar a experiência poética e a experiência erótica. Tanto o ato poético quanto o ato erótico aparecem como ritual e sacrifício. Nos versos schmaltzianos, o ato de escrever é metaforizado como ardência e agonia. A propósito, a referida poeta escreve: “[...] A poesia a se rasgar, como um tecido/ colado na pele/ que não consigo arrancar. / Seria o vestido do amor ex-/colhido? [...]” (SCHMALTZ, 2000, p. 31). Considerando isso, vale recordar Soares (1999, p. 44) ao mencionar que, “por ser erótico, o fazer literário inclui a violência”.

Outro exemplo é o poema de Paula Tavares citado abaixo:

Começa a história



Desde o princípio assim  
Era uma vez um  
Sol e a lua que pertence  
Mais a terra entre os dois e  
A paisagem  
Com os seus vultos parados  
À espera da carne fresca  
Planta a história de vozes  
Sujeitos caminhos e esperança  
Depois a história curva-se sobre si própria  
Medita duas vezes na água do rio  
O fim está escrito  
Nas linhas firmes das  
Minhas mãos.

(TAVARES, 2011, p. 232).

Com uma linguagem metafórica, por meio das imagens do “Sol” e da “lua”, tem-se a representação do ser masculino e do ser feminino, respectivamente. Importa destacar a representação da história que se fecha sobre seu próprio itinerário, diante da passagem ininterrupta do tempo representada na imagem da “água do rio”. Se, por um lado, os primeiros versos trazem a conhecida fórmula de abertura das narrativas, por outro lado, nos versos finais, há a ênfase no poder do criador-poeta de estabelecer as linhas, que representam o fazer poético. Sem falseamentos e sem interditos, num verdadeiro desnudar, Tavares assim como as outras poetisas apresentam a mulher não limitada à esfera particular, mas sim como aquela que busca o acesso à esfera pública e, em especial, aquela que realiza o trabalho de escritora.

Conforme Telles (1992), as identidades de gênero são máscaras, artificiais, e a condição da poeta-mulher é retratada, por exemplo, no poema a seguir:

### 38 (Inveja)

A inveja que sinto dos poetas-homens  
é não poder dizer “sou um sujeito”,  
do jeito que eles falam:  
sou um sujeito apaixonado,  
sou um sujeito sem jeito,  
sou um sujeito qualquer coisa.  
Uma *sujeita*, não dá certo;  
é igual poetiza: minimiza.  
Uma *sujeita*, não dá certo.  
Eu não tenho predicados  
e não sou um complemento  
do sujeito.

(SCHMALTZ, 2000, p. 91, grifo do autor).

Nesse poema, o sujeito lírico é representado por uma voz que discorre sobre a questão da autoria feminina e se apresenta como um corpo que não se submete a regras. Nota-se o confronto entre o que se refere ao Eu (próprio) e ao alheio (Outro), evidenciando as diferenças de gênero e, sobretudo, a força da mulher. O ato de desmistificação da mulher marca a obra de Savary, Schmaltz e Tavares, pois elas enfrentam a ideologia dominante para desconstruí-la, opondo-se ao preconceito do sexo frágil e, sobretudo, exercem o direito de cantar o desejo feminino.

Com Paula Tavares, tem-se, segundo Mata (2011, p. 8), “na poesia africana, uma escrita em que a voz da mulher se fazia ouvir na sua individualidade, na sua feminilidade, na sua corporalidade”.

### ALPHABETO

Dactilas-me o corpo de A a Z  
e reconstrói asas seda puro espanto  
Por debaixo das mãos enquanto abertas  
aparecem, pequenas as cicatrizes

(TAVARES, 2011, p. 59).

A matéria erótica como matéria de poesia é uma forma de liberação da subjetividade e de expressão do desejo. As sensações propiciadas pelo toque do corpo, destacando o erotismo feminino que é marcado pelo tato, como diria Alberoni (1988). As sensações táteis, carregadas de erotismo, constituem-se nas imagens de “corpo”, “seda” e “asa”. Essas também são observadas no poema de Savary:

### NADA ALÉM

Toco teu corpo como a uma seda  
Com essa vontade de estar em volta  
Ao teu redor qual fosses um veleiro,  
Te cerco inteiro de maio a janeiro,  
Eu a te seguir cardume de peixes.

Toco teu corpo como afago a água  
Com essa vontade de estar perto,  
Asa é a leveza do meu gesto,  
Casa onde te envolvo, pura labareda,  
Amor laçando todas suas setas.

(SAVARY, 1998, p.335).



Olga Savary canta o desejo de ser um “veleiro” em torno do corpo desejado. Do mesmo modo, Paula Tavares canta aquele que “Solta a mão e cria barcos sem rumo no meu corpo” (TAVARES, 2011, p. 81). Trazer o erotismo na poesia é um modo de “conscientização da necessidade de ruptura dos paradigmas masculinos repressores” (SOARES, 1999, p. 57). Nessa mesma direção, é relevante considerar o poema de Schmaltz:

## 22 (Vontade & vontade)

Uma vontade de tirar a blusa  
entre dois *drinks*,  
levantar um pouco a saia, derramar o líquido:  
um desgoverno que me governa.  
Tenho um corpo lindo e branco  
que você não sabe – pele de seda;  
tenho um corpo lindo que não  
me cabe, que me sofre, um turbilhão,  
uma sofrença de sofre-  
guidão! Pêlos, não tenho quase,  
Sou loura natural em todos os locais  
e coisa e *tais*  
e a minha carne é fraca demais  
e eu não tenho opinião contra ela  
e nem vontade.

(SCHMALTZ, 2000, p. 59, grifo do autor).

Sem pudor, a voz feminina fala da força inquietante do desejo e o erotismo transborda nos versos. A representação do corpo erotizado, mediante as imagens de “pele de seda”, “pelos”, “carne”, dá-se por atitudes sensuais e exploração de sinestésias. Schmaltz, assim como Savary e Tavares exploram o erotismo feminino. Há, portanto, o corpo erotizado que, na perspectiva de Xavier (2007), é o corpo que vive sua sensualidade, usufrui desse prazer e emprega um discurso de sensações disponibilizadas ao leitor. Isso se observa também no poema abaixo:

## Nome II

Diria que amor não posso  
dar-te de nome, arredia  
é o que chamas de posse  
à obsessão que te mostra  
ao vale das minhas coxas  
e maior é o apetite  
com que te morde as entranhas  
este fruto que se abre

e ele sim é que te come,  
que te come por inteiro  
mesmo não sendo repasto  
o fruto teu que degluto,  
que de semente me serve  
à poesia.

(SAVARY, 1998, p. 184).

Com este metapoema, Savary veicula a autorreflexão do fazer poético e emprega a palavra “fruto” para sugerir o desejo. As várias imagens expressas nos versos remetem à lenda da *vagina dentata*, na qual o órgão genital feminino se apresenta como uma boca cheia de dentes e castradora do falo. Entretanto, no poema savariano, o corpo feminino se apossa do corpo masculino para extrair todo o prazer e deste, por sua vez, construir todas as imagens que motivam a poesia. De modo similar, lê-se em Tavares:

### O MAMÃO

Frágil vagina semeada  
pronta, útil, semanal  
Nela se alargam as sedes no meio cresce insondável o vazio...

(TAVARES, 2011, p. 31)

Considerando este poema juntamente com os outros que compõem *Ritos de Passagem*, Secco (2011, p. 267) salienta que Paula Tavares expõe “a utopia das transformações sociais propiciadas pelas lutas libertárias, a sensualidade feminina que redescobre os cheiros do próprio corpo, os sabores do sexo e dos frutos da terra”. De fato, é bastante significativa a associação do corpo erotizado a elementos da Natureza.

Acerca disso, Padilha (2002, p. 214) esclarece que a “busca da poesia por Paula Tavares talvez obedeça a essa imensa necessidade de conhecimento das coisas, significando uma tentativa de a elas se unir para descascar as palavras, como se fossem frutos”. Observa-se isso também no poema “Saturnal”, de Savary:

### Saturnal

Paraíso é essa boca fendida de romã  
- bagos de vida,

Paraíso é esse mistério de água ininterrupta  
Fluindo do terminal das coxas,

É a vulva possuída-possuindo

Violáceo cacho de uvas,

É esse dorso de vinho navegável  
Atocaiado para um crime. (SAVARY, 1998, p.186).

Assim como a imagem do “mamão”, a “romã” e suas inúmeras sementes representam a fertilidade feminina. O título “Saturnal” sugere o desregramento e, no decorrer dos oito versos, constata-se a definição de “Paraíso” como o prazer carnal e várias imagens que sugerem os corpos feminino e masculino. Tanto o lado selvagem quanto o erótico são evidenciados, uma vez que o “ato de amor para Olga Savary é uma expressão de delírio selvagem. É o delírio de ser possuída e de possuir.” (SANTANA, 2011, p. 105).

Pode-se reiterar esses aspectos com a leitura do poema a seguir:

### A MANGA

Fruta do paraíso  
companheira dos deuses as mãos  
tiram-lhe a pele dúctil  
como, se, de mantos se tratasse  
surge a carne chegadinha fio a fio  
ao coração: leve morno mastigável  
o cheiro permanece  
para que a encontrem os meninos pelo faro.

(TAVARES, 2011, p. 33)

Analogamente a ritos de iniciação, a associação de fruto ou fruta ao corpo materializa a ênfase em arranjos sinestésicos (a imagem, o cheiro, o toque, o sabor) que traduzem as sensações e despertam o desejo. Segundo Padilha (2002, p. 213), os poemas de Paula Tavares “mostram, seja pelo plano de sua estrutura física, seja pelo que tematizam, esse corpo de mulher, em sua diferença”.

Sem dúvida, os processos de erotização e de escrita provocam os sentidos do leitor. Para Soares (1999, p. 35), textualizar o erotismo explicita o “caráter erótico de toda a criação” e lembra que, para Platão, Eros atua como a força geradora da poesia. Confirma-se bem essa ideia no poema de Schmaltz transcrito adiante:

### 53 (Hífens)

Penetre, como queria Drummond,  
penetre no reino surdo das palavras  
que estão dentro de mim;  
introduza-se, meu ouro:  
sou toda feita de borbo letrinhas,  
pontos, vírgulas, hífens e etcéteras.  
Os poetas só amam poeticamente,  
que lástima!

Entre- (H) aspas  
(SCHMALTZ, 2000, p. 121).

Há o diálogo com o poema drummondiano, visto que atualiza “Procura da Poesia” para apresentar a poeta-mulher. Há o relato da condição do poeta como um ser que se diferencia dos demais, cria mundos e amores. O convite se torna sensual, estabelecendo a relação entre o fazer poético e o corpo erotizado. A escolha dos verbos penetrar e introduzir carrega o sentido de autoconhecimento tanto erótico quanto poético.

Seria pertinente estender à Schmaltz e à Savary, os comentários feitos por Laura Padilha sobre Paula Tavares: “É como se o sujeito lírico que fala quisesse, ao mesmo tempo, penetrar o sentido das coisas e ser por ele penetrado, expandindo, assim, o seu próprio conhecimento de si próprio e delas” (PADILHA, 2002, p. 214). Isso porque as poetisas celebram a união dos seres e dão o lugar de destaque ao ser feminino:

Como exemplo final, cita-se este poema de Savary:

#### **O DIA DA CAÇA E DO CAÇADOR (FUGA)**

Onde caça e caçador se entendem,  
Se estendem, se rendem,  
Se entregam, se integram,  
Arfando escorregam,  
Se interpenetram,  
Caça e caçador se caçam,  
Se cansam, se abrasam,  
Maturando-se mergulham  
E nos suores soçobram  
E tombando, alados, se abrandam.

(SAVARY, 1998, p. 327).

Contradizendo os sentidos de perseguido e perseguidor, a “caça” e o “caçador” são alçados ao mesmo patamar, sendo metáforas de amantes. Na primeira parte – do verso 1 ao verso 5 – a gradação dos verbos entender, estender, render, entregar, integrar, escorregar culmina em interpenetrar, tratando-se de uma relação em que o contato é mútuo e recíproco, pois “Caça e caçador se caçam”. Já, na segunda parte – do verso 6 ao verso 10 – a gradação dos verbos caçar, cansar, abrasar, mergulhar, soçobrar, tombar finaliza em abrandar, sugerindo o gozo erótico dos corpos, que se tornam “alados” na conjunção, realizando o desejo e a cumplicidade.



Na lírica de Olga Savary, Yêda Schmaltz e Paula Tavares, a mulher torna-se sujeito e realiza um processo de autoconhecimento. São poetisas que, com uma linguagem ousada, revelam a rebeldia, transgridem as normas, fazem referência à sensualidade e ao prazer corporal. Empregam uma voz feminina que fala sobre aquilo que a constitui e também constitui o poeta. Realizam a reflexão sobre o próprio ato criador, e o fazer poético se estabelece como uma experiência erotizada, pois traz o ser feminino que tem o poder criador, o poder do uso da palavra.

Por meio da representação do gênero feminino, há a contestação e a subversão dos comportamentos que são impostos culturalmente pela sociedade patriarcal à mulher. Ao criarem versos que focalizam o desejo, Savary, Schmaltz e Tavares apresentam a mulher que tem seu projeto – de poesia e de prazer (tanto prazer do corpo quanto prazer estético) – suscitando a reflexão de seus leitores sobre o questionamento da representação tradicional do gênero e sobre o papel exercido por mulheres que se inserem na esfera pública da literatura como escritoras.

Sobretudo, com densidade lírica, reavaliam os valores sociais contemporâneos e conscientizam a mulher da importância de sua liberação e ruptura da repressão que lhe é, muitas vezes, imposta nas práticas culturais. Desvelam o corpo erotizado plenamente por meio da poesia. Em seus projetos estéticos, evidenciam a identidade marcada pela força das diferenças que resulta na valorização simbólico-cultural da mulher. Enfim, ao aproximar e destacar a expressividade e o diálogo das falas poéticas de Savary, Schmaltz e Tavares, espera-se contribuir com a área de Estudos Literários no sentido de ampliar e reordenar os cânones.



## REFERÊNCIAS

ALBERONI, Francesco. **O erotismo**. 3.ed. Tradução Elia Edel. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

BATAILLE, George. **O erotismo**. Tradução Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CLARKE, Margaret Anne. “*An Introduction to Olga Savary*”. In: Maria H. Andre and Eva P. Bueno (eds.). **Encyclopedia of Latin American Women's Writing**. New York: Routledge, 2008. Disponível em <[http://www.academia.edu/417788/AnIntroduction\\_to\\_Olga\\_Savary](http://www.academia.edu/417788/AnIntroduction_to_Olga_Savary)> Acesso em 01/03/2013.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: Aguiar, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 85-94.

\_\_\_\_\_. Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados. vol.17, n.49. São Paulo, set./dez. 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010)>. Acesso em 16 jun. 2013.

MATA, Inocência. Prefácio à edição portuguesa: passagem para a diferença. In: TAVARES, Paula. **Amargos como os frutos: poesia reunida**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. O olhar condescendente (Crítica literária e literatura feminina no século XIX e início do século XX). *Travessia: revista do curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da UFSC (Florianópolis)*, p.50-63, 2. semestre de 1990. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17201/15775>> Acesso em 04/03/2013.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PLATÃO. **Banquete**. Tradução Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2003.

SANTANA, Patrícia Maria dos Santos. Ecocrítica e erotismo nos poemas de Magma. *Escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis*, v.4, Número 4, p. 104-121, set-dez, 2013. Disponível em:<<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/957>> Acesso em: 27 out. 2016.

SAVARY, Olga. \_\_\_\_\_. **Entrevista com Olga Savary**. Entrevista concedida a Cláuder Arcanjo. 17/08/2008. Disponível em: <<http://teatrofantasma.blogspot.com/2008/08/entrevista-com-olga-savary.html>> Acesso em: 10 mar. 2013.





\_\_\_\_\_. **Repertório selvagem:** Obra Reunida: 12 livros de poesia, 1947-1998. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/ MultiMais / Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. As veias pulsantes da terra e da poesia. In: TAVARES, Paula. **Amargos como os frutos:** poesia reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SCHMALTZ, Yêda. **Chuva de ouro.** Goiânia: UFG, 2000. (Coleção Vertentes).

SILVA, Jacicarla Souza da. **Vozes femininas da poesia latino-americana:** Cecília e as poetisas uruguaiaias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SOARES, Angélica. **A paixão emancipatória:** vozes da liberação do erotismo na poesia brasileira. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

SOARES, Francisco. **Notícia da Literatura Angolana.** Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: Aguiar, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas:** desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 95-114.

TAVARES, Paula. **Amargos como os frutos:** poesia reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

TELLES, Norma. Autor+ia. In: JOBIM, José Luís (Org.). **Palavras da crítica:** tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 45-63.

VIEIRA JR., Paulo Antônio. **Eros reinventado:** uma leitura da poesia de Yêda Schmaltz. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

Artigos submetido em 2017-08-02 e publicado em 2018-05-21